

A QUESTÃO DE GÊNERO DENTRO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO

Raquel Santiago de Souza¹

Roney Polato de Castro²

Resumo: Esse artigo traz a experiência de construção e consolidação do Estágio interdisciplinar de vivência do Estado de Minas Gerais em área de reforma agrária e atingido por barragens. A partir da experiência pretende-se analisar como é feita a discussão de gênero com o movimento estudantil e como esse debate chega aos movimentos sociais do campo através dos estagiários. Quais são os desafios para transformar o discurso em prática? Como lidar com situações que expressam claramente o machismo com a base dos movimentos camponeses? O feminismo vem sendo construído junto com as outras pautas dos movimentos sociais como a reforma agrária? Todas essas questões são pontos a serem discutidos e não negligenciados.

Palavras-chave: Gênero ; Movimento Estudantil ; MST

Este artigo tem como objetivo explicitar algumas das contradições na esfera do gênero que acontecem no meio rural. Trago um exemplo do movimento dos trabalhadores rurais – MST. O enfoque dado à discussão não pretende criminalizar o movimento, tão pouco pretende tratá-lo descolado de seu contexto. Parece haver certas relações conservadoras e envoltas na moral que estão presentes no campo de uma forma geral, algo que não é uma especificidade do MST. Moral essa cristã, que perpetua a estrutura do patriarcado e que não abre espaço para discutir costumes e posturas muito consolidadas no cotidiano. Assim, não pretendo fazer a crítica pela crítica, mas uma análise que poderá problematizar pontos contraditórios que precisam ser mais discutidos. Dentro do campo existem movimentos de mulheres camponesas e esse debate também é feito dentro do próprio MST através de espaços de formação. Por tanto, os movimentos sociais do campo tem relação com questões de gênero, porém é importante pensar que relação e que práxis é essa. O EIV-MG (Estágio Interdisciplinar de Vivência em área de reforma agrária e atingidos por barragem no Estado de Minas Gerais) é construído por estudantes que fazem parte do movimento estudantil e de uma série de organizações e coletivos. Tais organizações, em parceria com três movimentos sociais ;MST, Movimento dos atingidos por barragens (MAB) e Marcha Mundial das Mulheres organizam em janeiro, anualmente ,um período de vivências concebido e um período de formação política.

O estágio é dividido em três fases :a primeira, de preparação, na qual os/as estudantes participam de formação política em várias esferas , para entender a sociedade em que vivemos através de estudos sociológicos, econômicos , culturais e históricos. A segunda fase consiste no envio desses/as estudantes para famílias do MST ou do MAP para que possam vivenciar de perto como se dá a luta

¹ Graduanda em Geografia, UFJF, raquel660@hotmail.com

² Professor do Dpto de Educação, UFJF, polatojf@yahoo.com.br

diária de pessoas que participam de um movimento grande, articulado e organizado que vislumbra um horizonte de igualdade. E a terceira fase pretende analisar todo o contexto da vivência de cada estudante e entender as contradições de movimentos que defendem e acreditam em outra sociedade, com outros valores, mas ainda vivem em uma sociedade capitalista. No ano de 2013 a primeira e a terceira fases do estágio foram realizadas no interior do Assentamento Primeiro do Sul situado no município de Campo do Meio.

É necessária uma contextualização dos processos de construção do EIV e da realização do estágio. A comissão organizadora tem como princípio fundamental a autonomia estudantil, por isso ela é composta por estudantes de dez universidades do Estado de Minas Gerais³ que se encontram uma vez por mês durante o ano pra construir o estágio que geralmente se realiza no mês de janeiro. Este ano devido à greve nas universidades federais o EIV foi realizado em um período mais curto e o local também foi alterado, pois geralmente o mesmo ocorre em Belo Horizonte. Decidimos que ele iria acontecer em um assentamento do MST e com isso deveríamos pensar em todas as relações que iríamos estabelecer e a intervenção que 100 estudantes (estagiários/as e a Comissão rganizadora) iriam provocar em uma comunidade rural.

Geralmente o EIV-MG tem a duração de 20 dias, sendo que 12 dias são para a 1ª e a 3ª fase, que acontecem em uma escola publica de Belo Horizonte. Na 2ª fase, que é a de vivência, os/as estudantes são encaminhados/as normalmente em dupla ou trio para assentamentos e acampamentos de diferentes áreas de Minas Gerais. Lá, cada estudante é “adotado/a” por uma família. Por isso no histórico do estágio nunca aconteceu uma intervenção tão grandiosa sobre uma única comunidade como foi o X EIV – MG.

Optei por construir o artigo baseando-me na experiência que vivenciei no X EIV-MG. Durante um mês tive contato direto com moradores/as do assentamento no tempo em que estávamos organizando a estrutura do estágio e durante sua realização. Assim pude observar de perto o contexto que envolve as relações de gênero no campo.

Para compreender o cenário, é preciso entender que a educação dentro de movimentos sociais populares é vista por uma ótica em que o processo de formação é crítico e a troca para com os/as educadores/as tem a finalidade de construir cidadãos/ãs preparados/as para serem sujeitos dos espaços que participam. Uma educação diferente da padronizada que nos ensina a obedecer regras e forja uma adaptação, sem contestação. Desse modo, considero importante destacar que a educação não se dá só nos ambientes convencionais, como escolas e universidades, mas também em outros espaços de construção e associação da teoria com a prática. Assim vou me empenhar em caracterizar situações que presenciei nas quais a questão das relações de gênero estava visível. Com isso, busco constituir outro olhar em torno do tema, que possa desnaturalizar costumes que são opressores e, no entanto, continuam a ser reproduzidos.

³ UFJF; UNIMONTES; UFMG – Campos Montes Claros; UFMG – Campos Belo Horizonte; UFLA; UFOP; UFSJ; UFV; UFU; UFTM; UFVJM.

Essa experiência de contato direto com trabalhadores e trabalhadoras rurais organizados/as em um movimento foi de fundamental importância, pois pude construir e desconstruir uma série de conceitos que estavam presentes nos meus estudos, mas que raramente pude presenciar em situações reais.

Encontro de culturas, gerações e movimentos na construção do debate de gênero

As duas “culturais”, encontros entre os/as estudantes visando descontração com um tema e um sentido previamente definidos, acontecem quando os/as estagiários/as são encaminhados/as para a vivência e na recepção dos/as mesmos/as ao voltarem para a fase da retomada. Essas atividades foram detalhadamente pensadas, pois a ideia era convidar os/as assentados/as para a confraternização e para tanto não deveríamos desgastar a relação estabelecida entre os movimentos (estudantil e o MST). Chegamos a um consenso de que os/as trabalhadores/as, por vivenciarem um ambiente rural onde as relações são mais tradicionais e conservadoras, teriam dificuldade de aceitar algumas atitudes que geralmente acontecem no EIV, acompanhadas da desmistificação da sexualidade padronizada e comportamentos típicos de estudantes universitários que tem outra experiência com os corpos, diferente dos/as trabalhadores/as rurais. Vivências essas dos universitários que muitas vezes “permite” a experimentação do corpo e com a sexualidade de varias formas , formas essas quase inexistentes para os moradores do meio rural que constroem uma vida pautada nos mandamentos cristãos que clássica como pecado qualquer experiência sexual fora do casamento.

Stuart Hall (1999) explica o jogo das identidades, argumentando que de acordo com as circunstâncias da vida algumas identidades ficam em evidência por causa de um grupo de pessoas que se identificam com essa identidade. Levando essa explicação para o caso específico do EIV as posturas e identidades que são assumidas entre os/as estudantes devem ser pensadas quando saem do ciclo onde esse debate acontece.

Stuart Hall (1999) explica e exemplifica a questão das identidades:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos , identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (p. 13)

O autor explica que as identidades que assumimos durante a vida e durante determinados momentos não precisam estar se relacionando em uma lógica e em perfeita harmonia. Os papéis sociais representam atitudes esperadas pela sociedade de acordo com o papel que estamos enquadrados, por exemplo, uma mãe desperta expectativas das pessoas de acordo com o papel que ela tem, logo a sociedade espera que ela cuide do filho , seja amorosa, atenciosa entre outros.

É possível fazer uma ligação com o cenário que aconteceu no X EIV. A comissão organizadora entendeu que o fato de estarmos dentro de um assentamento para construir uma sociedade nova, com novos valores no futuro, era uma identidade de movimento social popular que estava em harmonia com a identidade dos assentados e em conjunto trazia para as pessoas um papel socialmente construído de revolucionários. Junto com esse papel trazia atitudes coerentes e moralmente íntegras esperadas de acordo com o senso comum. Os/as estudantes tinham essa identidade de movimento social popular, mas também tinham a identidade de juventude e de estudantes. Então para mostrar só uma identidade valorizada pela moral cristã, as outras identidades foram de certa maneira deixadas em segundo plano.

De uma forma geral entendo que a comissão organizadora do EIV tem limitações em função da confiança e do respeito dos/as parceiros/as dos movimentos sociais. Além disso, entende que esses/as parceiros/as possuem prioridades em alguns debates — como a questão da reforma agrária — e acabam deixando outras discussões como aquelas relacionadas ao gênero e ao feminismo em segundo plano. Tal argumento pode ser observado na base dos movimentos rurais, nos quais as questões do campo são priorizadas e há pouca ou nenhuma discussão sobre as questões de gênero. Nesse contexto a comissão organizadora intrinsecamente (pois não me lembro de nenhum debate nesse sentido nas reuniões de construção do estágio) decidiu que não cabia ao EIV-MG trazer à tona essa discussão, nem evidenciar outras identidades a respeito da sexualidade que explodem nos/as estudantes para evitar o desgaste no respeito e na confiança estabelecida com os parceiros. A dúvida que me ronda é até que ponto estamos jogando com as mesmas regras da opressão, pois quando nos abstermos de uma identidade que assumimos e defendemos, indiretamente estamos afirmando que essa identidade deveria mesmo estar escondida e que as pessoas que a rechaçam tem razões plausíveis para isso. Deixando assim que a homofobia e o machismo se perpetuem, pois onde deveria existir um debate estendido também para a comunidade que recebe o estágio, essa discussão fica em segundo plano. Foi acordado que as relações homo e heteroafetivas deveriam ser evitadas e os/as estudantes deveriam tomar cuidado com as reações que iriam despertar usando roupas curtas e tendo atitudes que poderiam ser mal interpretadas pelos/as assentados/as.

Nesse contexto Carole Pateman (1993) em seu livro “O contrato sexual” explica com clareza a questão do patriarcado: “O patriarcado não é puramente familiar ou está localizado na esfera privada. O contrato original cria a sociedade civil patriarcal em sua totalidade.” (p.29). O patriarcado é um conjunto de normas explícitas na sociedade que são mostradas através de ações ou até mesmo pela falta de atitudes. Esse conjunto de normas vem sendo reforçado por instituições (igreja, Estado, família) há muito tempo, a fim de perpetuar esse modo de vida. O patriarcado está ligado diretamente com a sexualidade, modos de controle, e com as relações de poder que estão ao redor. O patriarcado está presente em vários momentos por isso fica difícil de separá-lo da vida cotidiana. É possível

entender que o patriarcado é um conjunto de normas e comportamentos que atravessam as esferas sociais a fim de garantir a ordem vigente.

Trazendo para o exemplo do EIV, entendo que a decisão de “esconder” as relações homoafetivas está diretamente ligada com as relações normatizadas por discursos heterossexuais dentro da sociedade patriarcal que tem um conjunto de valores e que discrimina e abomina qualquer comportamento que foge do padrão. Culpabilizar a mulher por comportamentos invasivos e desrespeitosos dos homens também está ligado com o patriarcado. Como se a mulher tivesse o papel de se comportar de tal forma que estivesse sempre atenta ao que os outros poderiam pensar e os desejos que ela pode despertar para que não seja vítima de violência. Aqui também está presente o patriarcado pelo fato de normatizarmos esse tipo de comportamento, naturalizando-os.

As universitárias mulheres e os universitários e universitárias homossexuais aceitaram uma outra identidade conversada e acordada com a comissão organizadora, os/as estagiários/as e os movimentos sociais do campo durante a realização do estágio, uma identidade que não girava em torno dos ideais que eles constroem e defendem. Essa é a questão central que venho explicitar nesse contexto. Quando esse acordo foi aceito uma série de questões ficam subentendidas e passam despercebidas. Quando decidimos não mostrar para os camponeses que somos mulheres que buscam uma autonomia e pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, estamos colocando a questão do gênero e da sexualidade em segundo plano, dizendo que são menos importantes que a reforma agrária, a fome e outras questões. Porém, existe uma linha tênue nessa delicada situação, pois o EIV-MG traz o princípio da não intervenção que orienta os/as estagiários/as a intervirem da menor forma possível no cotidiano desses/as trabalhadores e trabalhadoras dos movimentos sociais, pois a intenção não é ensinarmos a nossa forma de viver e sim aprender com a experiência deles.

Porém, outra questão entra em cena. Se pretendermos construir uma nova sociedade, como não construir um projeto com todas essas pautas simultaneamente? Tomando o exemplo de Cuba é possível perceber que a mudança de sistema por si só não trará a questão de gênero resolvida. Joan Scott (1990) explica que o gênero não é apenas uma questão simplista e binária que elenca diferenças entre homem e mulher, é uma questão de relações de poder: “Gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder, seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (p.16).

Através de Scott (1990) é possível entender porque a questão de gênero é tratada de forma secundária no Estágio de Vivências. Essa é uma visão das feministas marxistas que acreditam que todos os problemas são uma variação das classes, portanto se o problema da desigualdade das classes for resolvido todos os outros problemas serão resolvidos paralelamente. No entanto, enquanto estamos fazendo formação sobre a questão da reforma agrária, as estudantes universitárias continuam sofrendo

assédio quando vão participar do período da vivência em casas de agricultores/as e o patriarcado junto com o machismo se perpetuam cada vez mais.

Levantados todos esses problemas entendo que no interior dos movimentos sociais do campo existe uma dificuldade de se trabalhar a questão de gênero. Algumas questões se tornam pungentes: esse problema vem sendo encarado de frente pela direção do movimento? O EIV-MG tem o papel de trazer essa discussão para os movimentos ou só vivenciar a perpetuação dessa opressão? Quem deve resolver esse empasse? O EIV deve esconder o feminismo e a questão da diversidade sexual discutida dentro do movimento estudantil para ganhar credibilidade dentro dos movimentos sociais? São perguntas que venho colocando constantemente.

Michel Foucault (1999) argumenta que não existe um Poder que está só no Estado e nos grandes órgãos da sociedade, mas também existe um discurso que está presente nas capilaridades, um discurso que perpetua nossas ações e costumes diários. Por isso entendo que quando as identidades que assumimos não são mostradas, se perde a oportunidade de apresentar um outro discurso : Uma mulher que não está se preparando para casar , que usa roupas curtas e que não está se insinuando para os homens, uma mulher que está presente na vida pública e que se impõe. Um homem que gosta de outro homem, que usa saia, que passa batom, mas que nem por isso deixa de ser gente e defender o que acredita. Todas essas ações que “fogem do padrão” seriam extremamente didáticas e criariam outro discurso que desarmaria o poder presente que só perpetua o atual modelo e que é a razão de vários preconceitos.

Foucault (1999) esclarece que existe uma forma de se falar de sexo com a finalidade de tratá-lo como segredo, portanto todos os assuntos relacionados à sexualidade também vêm envoltos em um manto moral por meio do qual se deve ter todo o cuidado para falar. Talvez esteja aí a dificuldade do movimento estudantil, que tem uma maior apropriação da questão de gênero, em explicitar a forma que vemos essas relações de poder:

Se para falar do sexo foi necessário tanto estímulo e tanto mecanismo coercitivo é porque reinava, globalmente, uma certa interdição fundamental: somente necessidades precisas – urgências de natureza econômica, utilidade política – podem suprimir essa interdição e possibilitar alguns acessos ao discurso sobre o sexo , mas sempre limitados e cuidadosamente codificados; falar tanto de sexo , organizar tantos dispositivos insistentes para fazer falar dele ,mas sob estritas codificações , não é prova de que ele permanece secreto e que procura, sobretudo mantê-lo assim? (FOUCAULT, 1999, p. 36)

Os acordos que foram estabelecidos dentro da Comissão Organizadora para que a realização do X EIV ocorresse de modo passivo e não desgastasse a relação com o MST. Porém entendo que a forma, forma e estamos tentando construir o novo dentro da forma do patriarcado, mudando apenas algumas questões. Entendo que para as pessoas que não tem comida e nem casa a reforma agrária é sim

essencial, mas se realmente pretendemos construir o novo precisamos ir além, desconstruir a forma e construir com novos valores principalmente no que diz respeito ao gênero. Trago experiências não só do EIV mas também de vários espaços de militância onde o discurso do feminismo está longe de sua prática. As questões de gênero dentro dessa sociedade patriarcal vem se perpetuando cada vez mais e no entanto as discussões ainda são deixadas em segundo plano. Apesar de todas as críticas entendo que a base dos movimentos, o povo real, ainda tem muita dificuldade de entender varias bandeiras levantadas pelo movimento direcionista.

É complicado conversar com as camadas populares presentes nos movimentos sociais que estão embasadas geralmente no senso comum a respeito de gênero pois essas pessoas sempre tentam justificar pelo discurso biológico além de afirmar que não há motivos para levantar essas questões pois sempre foi e sempre vai ser assim. Ai se encontra o desafio de mexer com as estruturas e procurar mostrar para os movimentos sociais que lutam por uma outra sociedade, que é preciso arrumar ou destruir os alicerces dessa construção, o patriarcado, para construirmos um outro projeto de sociedade.

Thomas Laqueur (2001) em seu livro “Inventando o sexo”, no capítulo “da linguagem e da carne”, vem explicando a questão biológica com um outro olhar afim de retirá-la dessa posição de justificar as questões de gênero, mostrando a ciência impregnada de interesses :

É bem verdade que não há e houve uma considerável e frequente tendência misógina em grande parte da pesquisa biológica sobre a mulher; a história trabalhou claramente para “racionalizar e legitimar” as distinções, não só de sexo mas também de raça e classe, com desvantagem para os destituídos de poder. Porém uma ciência mais objetiva, mais rica e mais progressista, ou até mesmo mais feminista, produziria um quadro mais verdadeiro da diferença sexual em qualquer sentido culturalmente significativo. (LAQUEUR, 2001, p. 32)

Para ‘não’ concluir...

Finalizo o artigo sem grandes conclusões porém com a certeza que o problema existe e merece atenção. Acredito na ferramenta que o EIV representa para os movimentos sociais e para a construção de uma nova sociedade. Creio que a ferramenta esta em constante construção, influenciada por varias tendências pouco uniformes e por acreditar nisso é que defendo uma postura mais agressiva das feministas e dos que debatem a diversidade sexual para repensarmos a importância da discussão de gênero dentro da sociedade atual, a proporção que esse debate deve ter nos movimentos sociais populares e qual a melhor forma de incluir verdadeiramente a prática do mesmo dentro do EIV-MG tendo em vista que esse estágio representa uma intervenção pontual. Entendo que as questões de

gênero são complexas e extremamente enraizadas e representam base forte do sistema vigente e que por isso não serão desconstruídas da noite para o dia . Toda a minha aflição se justifica quando não percebo avanços na prática de relações mais igualitárias justamente onde ,o assunto vem sendo exaustivamente discutido, por exemplo , quando uma estagiaria do EIV e militante do feminismo é assediada por um assentado ou até mesmo por uma liderança do movimento e se vê obrigada e orientada a não reagir como reagiria em uma situação cotidiana , aguentando muitas vezes calada o assedio ou com um sorriso meia boca. Dessa situações é que surgem meus questionamentos: A teoria esta se aproximando da pratica? Realmente as questões do campo são mais importantes que as questões de gênero , quando não é você o assediado e podado de comportamentos? O EIV-MG vem se preocupando com essa posição delicada que ele assume de não interferência?

Enfim, diante de todos esses questionamentos me pergunto se não vale a pena "dar a cara a tapa" mostrar todas as verdadeiras identidades que são ou não coerentes e aproveitar a oportunidade de apresentar outro discurso.

Referências

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** A vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SCOTT, Joan. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 1990. LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo**: Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-Modernidade**. 3 ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

PATEMAN, Pateman. **O contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.